



CENTRO UNIVERSITÁRIO DR. LEÃO SAMPAIO – UNILEÃO
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

JULIANA FREITAS SILVA

**O MANEJO CLÍNICO DA GESTALT-TERAPIA: O ENCONTRO AFETUOSO,
AUTÊNTICO E PROFUNDAMENTE HUMANO**

Juazeiro do Norte
2020

JULIANA FREITAS SILVA

**O MANEJO CLÍNICO DA GESTALT-TERAPIA: O ENCONTRO AFETUOSO,
AUTÊNTICO E PROFUNDAMENTE HUMANO**

Artigo apresentado à Coordenação do
Curso de Graduação em Psicologia do
Centro Universitário Dr. Leão Sampaio,
como requisito para a obtenção do grau
de bacharelado em Psicologia.

Juazeiro do Norte
2020

JULIANA FREITAS SILVA

**O MANEJO CLÍNICO DA GESTALT-TERAPIA: O ENCONTRO AFETUOSO,
AUTÊNTICO E PROFUNDAMENTE HUMANO**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à coordenação do curso de
Psicologia do Centro Universitário Dr.
Leão Sampaio, como requisito para
obtenção de grau de Bacharelado em
Psicologia.

Aprovado em: 14/12/2020

BANCA EXAMINADORA

Dr. Marcus César de Borba Belmino
Orientador

Esp. Isaura Caroline Abrantes Silva
Avaliadora

Esp. Larissa Vasconcelos Rodrigues
Avaliadora

O MANEJO CLÍNICO DA GESTALT-TERAPIA: O ENCONTRO AFETUOSO, AUTÊNTICO E PROFUNDAMENTE HUMANO

Juliana Freitas Silva¹

Marcus Cézar de Borba Belmino²

Anna Karinne Melo Barreto³

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo discutir de que maneira ocorre o manejo clínico, partindo de uma ótica da relação terapêutica sob a leitura gestáltica, buscando compreender o encontro entre terapeuta\cliente advindo da relação, que para a Gestalt-terapia é a base que sustenta e se configura como condição para o surgimento da experiência do sujeito na clínica. Dessa maneira, a pesquisa tem como objetivo geral visar, sob a perspectiva da Gestalt-terapia, qual a importância do vínculo entre terapeuta e cliente dentro da leitura desta abordagem, que tem como foco principal a relação estabelecida durante esse processo. Em vista disso, quanto aos objetivos específicos, almeja-se descrever os principais conceitos da Gestalt-terapia; identificar a importância da abordagem dialógica para relação terapeuta\cliente na abordagem gestáltica e descrever a importância das relações produzidas a partir da psicoterapia para a autonomia do sujeito. Perante a isso, em relação aos procedimentos metodológicos, destaca-se que este artigo se trata de uma revisão bibliográfica de cunho narrativo utilizando livros e artigos em uma análise de dados qualitativa. Diante disso, salienta-se que foi possível abranger a importância de um processo psicoterapêutico comprometido com o viés ético e humano, que, alicerçado no encontro genuíno entre Gestalt-terapeuta e cliente pode-se ter potenciais criativos perante a sua experiência.

Palavras-chave: Gestalt-terapia. Abordagem dialógica. Relação. Encontro.

ABSTRACT

This article aims to reflect on the role of the Gestalt-therapist in the relationship with the client, seeking to understand that this encounter occurs through the relationship, which for Gestalt therapy is the basis that appears as a condition for the emergence of the experience for the client at the clinic. Thus, the research has the general objective to see from the perspective of Gestalt-therapy, as the relational link between therapist and client can be used as a condition for the psychotherapeutic process, understanding the Gestalt-therapy which has the main focus the established relationship during that process. Because of that, in relation to methodological procedures, it is highlighted that this article is a bibliographic review of a narrative nature using books and articles in a qualitative data analysis. Given this, it is emphasized that it was possible to comprise the importance of a psychotherapeutic process committed to the ethical and human overview, which based on the genuine encounter between Gestalt-therapist and client, one can have a creative potential before their experience.

Keywords: Gestalt therapy. Dialogic approach. Relationship. Session.

¹Aluna graduanda do curso de Psicologia da Unileão. juhfreitass98@gmail.com

²Doutor em filosofia (UFSC); Mestre em Psicologia (UNIFOR) Professor da Unileão. marcuscezar@leaosampaio.edu.br

³Especialista em Saúde mental, Psicologia clínica e Gestalt-terapia. karinnebarreto@gmail.com

1 INTRODUÇÃO

Diversos estudos já demonstraram que a relação terapêutica baseada em empatia, vínculo e confiança, entre outros elementos, é um fator decisivo no sucesso do procedimento e a Gestalt-terapia considera a própria relação como sua maior técnica e sua principal ferramenta de trabalho (FREITAS, 2016).

Além disso, é a partir da relação psicoterapêutica o consulente pode alcançar uma abertura e sustentação na instabilidade da condição humana, conseguindo restaurar e manter-se engajado criando possibilidades perante o mundo. Dessa forma, na Gestalt-terapia, buscamos manter ou inaugurar o diálogo, a relação em que a singularidade é honrada e valorizada sendo a própria relação o campo onde o crescimento pode acontecer. Dessa forma, compreendendo que a relação é o primordial, só nos constituímos na presença de outro (FRAZÃO; FUKUMITSU, 2015).

Desse modo, a escolha do tema surgiu após a prática no campo do estágio na clínica guiado em atravessamentos da Gestalt-terapia, onde foi ressaltado o impacto da relação pautada em processo dialógico de respeito, afeto e ética produzindo resultados positivos dentro do processo do cliente. Discorrendo sobre essa importância no âmbito acadêmico, torna-se imprescindível intensificar estudos sobre esse contato genuíno e verdadeiro, possibilitando à Psicologia abertura de reconhecimento das diversas realidades dos sujeitos, buscando lembrar a condição paradoxal da existência humana e o contato com o outro. Diante do âmbito social, faz-se relevante estimular a ação de uma prática humana, fortalecendo o compromisso de compreender o ser humano na sua singularidade e em suas relações.

Dessa forma, o objeto de estudo aborda o manejo clínico da Gestalt-terapia, o encontro afetivo, autêntico e humano, suscitando o seguinte problema de pesquisa: qual é a importância do vínculo entre terapeuta e cliente dentro da leitura da Gestalt-terapia?

A partir disso, ressalta-se que o objetivo geral do presente trabalho é compreender, sob a perspectiva da Gestalt-terapia, como o vínculo relacional entre Gestalt-terapeuta e cliente pode se colocar como condição para o processo psicoterapêutico. Em vista disso, quanto aos objetivos específicos, almeja-se descrever os principais conceitos da Gestalt-terapia; identificar a importância da abordagem dialógica para relação terapeuta\cliente na abordagem gestáltica e descrever a

importância das relações produzidas a partir da psicoterapia para a autonomia do sujeito.

2 METODOLOGIA

O estudo se constitui como uma revisão bibliográfica de caráter narrativo e de cunho qualitativa realizada entre os meses de fevereiro a novembro de 2020, tendo como foco a relação entre Gestalt-terapeuta e cliente. Diante disso, segundo Gil (2002), as pesquisas bibliográficas são desenvolvidas como qualquer outra modalidade de pesquisa, ao longo de uma série de etapas: escolha do tema; levantamento bibliográfico preliminar; formulação do problema; elaboração do plano provisório de assunto; busca das fontes e leitura do material. Assim, sendo composta por um material já elaborado, constituído principalmente por artigos científicos e livros, permitindo ao investigador uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente.

Diante disso, foram utilizados livros de autores de referência da Gestalt-terapia e do processo de relação psicoterapêutica, bem como monografias e artigos encontrados nas bases de dados Google Acadêmico, Scielo, Periódicos Eletrônicos em Psicologia (PePSIC) e bibliotecas convencionais. Além disso, foram definidos como critérios de inclusão artigos publicados entre os anos de 2010 a 2020, e a língua portuguesa como limitador de idioma. Para a base de dados foram inseridos descritores como “Terapia da Gestalt”, “Relação Terapêutica” e “Relação dialógica”. Dessa maneira, foi realizada a leitura dos títulos que partindo da variável de interesse e dos resumos das obras, foram selecionados os que mais se enquadraram para o presente objeto de estudo para uma leitura mais ampla.

3 A GESTALT-TERAPIA

Fundada pelas contribuições de Laura Perls, Frederick Perls, Paul Goodman e Ralph Hefferline, a Gestalt-terapia surgiu entre as décadas de 40 e 50, sendo atravessada por pressupostos filosóficos como o humanismo, existencialismo e fenomenologia. Além disso, são notórias as seguintes contribuições de teorias de base: a psicologia da Gestalt, a teoria organísmica de Goldstein e a teoria de campo de Lewin (RIBEIRO,

2012). Segundo Ginger e Ginger (1995), essa abordagem concebe o organismo em sua totalidade, estando em constante interação com o ambiente, sendo consciente e responsável, se estabelecendo no contato.

Diante do contexto histórico precursor da Gestalt-terapia, no começo do séc. XX a psicologia da Gestalt apresentou-se como um campo estritamente experimental, trazendo questionamentos que foram contrários à visão mecanicista, enquanto isso, a Gestalt-terapia elencou algumas ideias desse novo campo, partindo dessa nova forma contrária as visões rígidas da época. Porém, é importante ressaltar que Psicologia da Gestalt e Gestalt-terapia não significam a mesma ideia. As duas possuem assuntos diferentes, com preocupações diferentes e áreas diferentes de atuação (FREITAS, 2016).

A Psicologia da Gestalt foi um palco de pesquisa, trazendo uma série de novos aspectos para entender através de uma estratégia perceptiva e cognitiva a maneira com a qual o sujeito percebe o mundo. Nessa perspectiva, Kurt Goldstein foi um gestaltista de segunda geração, obtendo influências da Psicologia da Gestalt. O mesmo foi uma figura importante para a época, que além dessas influências teve como seu assistente o Fritz Perls. Diante desse contexto, ele desenvolveu sua teoria organísmica a partir do pensamento gestáltico, sendo considerada então uma referência relevante para o meio (VOGEL, 2012).

Goldstein apoiou-se sobre a concepção de figura e fundo para buscar um modelo de referência para tratar da natureza do sujeito. Suas contribuições giraram em torno de compreender um modelo holístico, onde o sujeito pudesse ser englobado na sua totalidade e não somente suas características físicas. Mais a frente, suas contribuições serviram como base para Fritz Perls e Laura Perls que aderiram a sua teoria organísmica para reler o pensamento da Psicanálise em seu livro *Ego, Fome e Agressão* (VOGEL, 2012).

A Gestalt-terapia está voltada para o campo clínico, com teorias e técnicas que visam dar ao homem condições para seu crescimento. A abordagem segue a visão holística de Goldstein citada acima, fazendo uma leitura da experiência do sujeito, compreendendo-o como um organismo unificado, não acreditando haver divisão entre mente e corpo. Sua perspectiva holística visa à manutenção e o desenvolvimento de um equilíbrio (FREITAS, 2016).

Diante disso, Ginger e Ginger (1995) ressaltam que a Gestalt-terapia, além de psicoterapia, consiste em uma filosofia existencial, formando uma arte de viver e refletir, apresentando-se como uma maneira singular do indivíduo criar relações com o mundo. Portanto, salienta-se a tomada de consciência da experiência do aqui e agora, bem como a percepção emocional e corporal, integrando as diversas dimensões humanas de modo a permitir uma experiência total, um contato autêntico e ajustamentos criadores do organismo frente ao meio que ele se relaciona.

Compreendendo a constituição desta abordagem a partir dos pressupostos filosóficos do humanismo, existencialismo e a fenomenologia, Mendonça (2013) ressalta questões importantes adquiridas destes, relatando que é a partir do mundo vivenciado pelo ser humano que este adquire conhecimento da consciência e a concepção de ser, sendo este detentor de liberdade de escolha do que acontece a cada momento. O encontro com si próprio é a ferramenta capaz de guiar e autorregular-se, proporcionando a busca de alternativas para as dificuldades.

Diante de tudo isso, é importante enfatizar alguns conceitos da abordagem gestáltica, dentre eles: a auto-regulação orgânica, o ajustamento criativo, o corpo, o aqui-agora, o contato, o self e a awareness. A auto-regulação orgânica compreende a interação do organismo com o ambiente, entendendo que todos os seres se auto-regulam no mundo e por meio dele (RIBEIRO, 2006).

Em seguida, trazendo uma releitura dos pensamentos de Perls, Hefferline e Goodman, Belmino (2014) ressalta o ajustamento criador como uma nova forma mais fluida de compreender a auto-regulação orgânica, entendendo que esse processo não está dissociado do campo social. Dessa forma, compreende-se o funcionamento dinâmico do self, que compõe um processo dinâmico, tendo as dimensões biológicas aparecendo em um ato, estando em função de uma relação que se constitui entre o organismo e o ambiente. Diante disso, Ribeiro (2006) cita que o corpo, por sua vez, é uma totalidade podendo sentir, pensar, fazer, falar, constituindo um corpo-pessoa.

Nessa perspectiva, Perls (1981) ressalta a relevância do aqui e agora, apontando que o agora nos mantém no presente e na experiência de nós mesmos em relação com o ambiente. Dessa forma, o modo do ser humano funcionar no ambiente abrange o que ocorre na fronteira de contato entre o indivíduo e seu meio. O organismo usa do seu sistema sensorial e motor para se conectar com o mundo, salientando relação de reciprocidade do organismo com o meio.

O contato do organismo com o meio é o sangue vital do crescimento e a experiência que se tem do mundo. A mudança a partir dele é inevitável, seguindo uma apropriação do que é assimilável ou a rejeição do que não é. O contato toma um fluxo de incompatibilidade de o sujeito permanecer o mesmo. A fronteira na qual o contato pode ser feito é um local de energia pulsante e permeável (POLSTER; POLSTER, 2001).

Diante disso, o self se constitui como o sistema de contatos, alterando-se de acordo com as necessidades orgânicas e os estímulos ambientais que surgem, sendo o sistema de respostas e a fronteira-de-contato em funcionamento. A teoria do self baseia-se nos seguintes funções: Id, hábitos motores e languageiros decorrentes do passado, que retornam no presente como excitação ou orientação afetiva para novos atos; Ego, função de ato, é a ação em si, exercida pelo corpo atual e Personalidade, representações a partir das experiências com contatos anteriores. Sendo todos estes uma apresentação psicológica dos processos interacionais que constituem os ajustamentos criativos produzidos no contato (MÜLLER-GRANZOTTO; MÜLLER-GRANZOTTO, 2012).

Já a *awareness*, é um dos conceitos fundamentais da Gestalt-terapia, que segundo Yontef (1998) “*Awareness* é uma forma de experienciar. É um processo de estar em contato vigilante com o evento de maior importância no campo indivíduo/meio, com o total suporte sensorio motor, emocional, cognitivo e energético” (YONTEF, 1998, p. 9, grifo do autor).

Para Joyce e Sills (2014) a *awareness* constitui uma forma de condição essencial e positiva na experiência de vida, sendo então compreendida como um conhecimento não verbal do que possa estar ocorrendo no aqui e agora: “A *awareness* é estar consciente da minha existência, aqui, agora, no corpo [...] o auto processo saudável ocorre a atitude é trazido para *awareness* e é experienciado nova e diretamente.” (JOICE; SILLS, 2016, p. 50, grifo do autor).

Dentro dessas questões, a relação entre Gestalt-terapeuta e cliente pode se tornar uma via importante onde a *awareness* pode ser investigada:

A reação de momento a momento do cliente com o terapeuta mostra *como* ele está consciente. A ferramenta mais importante do terapeuta é ele próprio - suas reações ao cliente e sua própria *awareness* no aqui e agora, sem tentar explicar ou interpretar, ele pode usar da sua presença e técnicas de observação a serviço do cliente. Ele responde com suas próprias reações e *awareness*, comentando sobre como o cliente está na sala, seu processo, as áreas que ele parece ignorar ou minimizar, e as discrepâncias, por exemplo,

entre aquilo que ele sente e aquilo que ele expressa em seu corpo. O terapeuta está aberto para explorar as reações do cliente com relação a ele, sempre com objetivo de ajudá-lo a se tornar consciente de sua própria experiência (JOICE; SILLS, 2016, p. 57, grifo do autor).

A atividade central do terapeuta gestáltico ao estar concentrado em sua awareness é possibilitar espaços para que a partir da ação narrativa do cliente, o mesmo possa ir adentrando a sua própria consciência. Nesse momento, aparece uma comunicação, uma abordagem dialógica. Na interação, ambas as consciências podem abrir um terceiro espaço, uma zona onde esse encontro apresenta uma awareness compartilhada, possibilitando a abertura de um leque de possibilidades para novos significados e experiências (JOYCE; SILLS, 2016).

Portanto, partindo da compreensão desses pontos primordiais e exprimindo sobre a importância da relação para o Gestalt-terapeuta, ressalta-se que a partir da abordagem dialógica pode-se produzir o ato amoroso, que compartilhado entre terapeuta e cliente pode surgir uma forma mais saudável de ajustamento do sujeito em meio a sua história (FREITAS, 2016).

4 A ABORDAGEM DIALÓGICA COMO ALICERCE DA RELAÇÃO

Ao entrar no campo da abordagem dialógica têm-se uma discussão ampla, porém, é importante compreender as contribuições da filosofia de Martin Buber que influenciaram várias linhas de trabalho de psicoterapia, sobretudo a Gestalt-terapia. Alguns precursores da abordagem gestáltica tiveram grande influência de Buber, dentre eles Laura Perls, que foi sua aluna e possibilitou essa articulação nas produções da abordagem da Gestalt-terapia, trazendo questões que permeiam e oferecem suporte para relação psicoterapêutica. Além de Laura, Paul Goodman vinha de uma família judia assim como Martin Buber e concentrava suas leituras nas ideias desse filósofo.

Buber apresenta suas ideias como um convite para refletir as condições do sujeito e a incessante busca por sentido. Assim sendo, o autor apoiou seus pensamentos com a criação de uma proposta original baseada nas relações do sujeito, o Eu-Tu e Eu-Isso, apresentando-se como um alicerce que foi construído a abordagem dialógica (VON ZUBEN, 2010).

Na sua proposta, as palavras de princípio Eu-Tu e Eu-Isso revelam as maneiras de ser do sujeito, bem como sua forma de enxergar a realidade e seu posicionamento

frente a ela. Na atitude Eu-Tu, o sujeito é um ser de relação, deixando impactar-se por atravessamentos do outro, o Tu. Passível de transformações constantes é vivo, pulsante. Por outro lado, na atitude Eu-Isso, a experiência surge de uma forma atingível, objetiva. “A relação Eu-Isso situa a pessoa no mundo dos objetos, sendo extremamente necessária para a elaboração e a produção de significados, desde que não se torna a forma de relação com o mundo” (LUCZINSKI; ANCONA-LOPEZ, 2010, p. 78).

Frente a estas colocações, Buber acreditava que essas palavras se configuram como uma forma do sujeito agir no mundo, sendo então uma atitude eficaz e efetiva. Quando endereçada e respondida possui força de um “entre”, que se mostra no diálogo e funda-se como um encontro dialógico entre seres humanos, uma relação. Essa relação é compreendida como uma ideia de que ao se referir ao Eu-Tu o sujeito torna-se pessoa, instaurando uma presença frente a frente entre o eu e o Tu, conferindo que o evento acontece “entre” o sujeito e seu confrontante se revelando como palavra, diálogo. Dentro desse pensamento, o sujeito se confirma na presença do outro alicerçado por uma relação recíproca. O Eu se torna Eu na relação com o Tu (VON ZUBER, 2010).

Ressaltando essas questões, cabe trazer discussões das contribuições de Buber para a Gestalt-terapia, que partindo dessa reflexão, visa à relação como um alicerce importante na psicoterapia. Nos Estados Unidos, alguns Gestalt-terapeutas, dentre eles Hycner e Jacobs tentaram conciliar os dois campos, assim destaca-se que não houve muita produtividade no quesito da fusão, mas sem dúvida houveram ganhos pelas duas partes (CHAGAS, 2016).

Perante a isso, Hycner ressalta (1995, p. 24, grifo do autor):

O encontro dialógico acontece na esfera do *entre* e é marcado por duas polaridades, o Eu-Tu e o Eu-Isso. Ambas são um reflexo das duas atitudes primárias que o ser humano pode assumir ao se relacionar com os outros e com o mundo em geral. A relação Eu-Tu é uma atitude de genuíno interesse na pessoa com quem estamos interagindo verdadeiramente como pessoa. Isso significa que valorizamos sua ‘alteridade’ (...). A relação Eu-Tu começa quando voltamos nosso ‘ser’ para o de nosso parceiro (...). Em contraste, a relação Eu-Isso ocorre quando a outra pessoa é, essencialmente, um ‘objeto’ para nós – utilizado, primariamente, como meio para um fim (...) sendo também um aspecto necessário na vida humana.

A relação dialógica é, portanto, uma abordagem, postura ou atitude em relação ao processo de psicoterapia, como também ao processo de existência humana. Isso se dá pela exigência de respostas únicas para vivências únicas, compreendendo a singularidade do sujeito dentro do movimento relacional (HYCNER; JACOBS, 1997).

Na clínica, interações Eu-Isso limitam o psicoterapeuta em utilizações de técnicas partindo de propostas teóricas, levando em consideração apenas o sintoma do sujeito, deixando de lado suas particularidades e complexidade (LUCZINSKI; ANCONA-LOPEZ, 2010).

Por isso, o encontro dialógico surge quando os dois sujeitos estão disponíveis para irem além da atitude Eu-Isso. Podendo então valorizar, aceitar e apreciar a diferença do outro, entrando assim na esfera do entre, que Buber entendia como o lugar do encontro, indo para além das individualidades, o lugar onde o entre é vivido por ambos (HYCNER, 1995).

Compreendendo esse espaço que é compartilhado entre psicoterapeuta e cliente, é interessante tratar da postura, bem como os aspectos e as ferramentas que o terapeuta estará alicerçado. Fioravante (2016) cita condições básicas para um processo terapêutico satisfatório, onde o cliente possa ser aceito, conseguindo condições necessárias para exercer seu direito de ser quem ele é, podendo a partir disso, despertar para responsabilidade da sua existência e o desenvolvimento do auto suporte. Dessa forma, a relação dialógica aparece como uma nova perspectiva no fazer do terapeuta, alicerçando um caminho que ele deve percorrer.

No trabalho com a Gestalt-terapia, esse encontro dialógico surge em gestos simples como carinho, aceitação, entusiasmo, preocupação, atenção e responsabilidade consigo e com o cliente. É perpassando por esses gestos que se encoraja um diálogo autêntico para que o sujeito possa trazer o que sente e pensa, fomentando o encontro profundamente humano (YONTEF, 1998).

Na prática, o terapeuta que busca estar centrado e alicerçado em seu auto suporte quando parte para o processo do diálogo, expressa-se. Logo, diante do que está sendo vivido na sessão, o cliente sente a abertura para fazer o mesmo. Nesse processo, o cliente começa descobrir suas potencialidades perdidas, esquecidas ou negadas, como também as suas necessidades interrompidas (FIORAVANTE, 2016).

Portanto, a relação dual precisa antes de tudo do reconhecimento da história do sujeito, sendo então o terapeuta capaz de incluir-se nesse processo, sem deixar de lado todos os sentimentos que aquele espaço proporciona, porém, sabendo dos limites. Através dessa relação, o espaço da psicoterapia precisa ser de acolhimento e compreensão (FREITAS, 2016).

5 GESTALT-TERAPIA E AS RELAÇÕES NO PROCESSO PSICOTERAPÊUTICO: AUXILIANDO NA PRODUÇÃO DE AUTONOMIA DO SUJEITO

Para a Gestalt-terapia, os ajustamentos só existem através da relação, sendo pontos primordiais de análise, pois, é a partir da relação que se pode construir um processo amoroso, responsável, ético e autônomo. Dessa forma, o ato de estar presente e a relação que se estabelece tornam-se talvez sua principal intervenção ao longo do processo (LUCZINSKI; ANCONA-LOPEZ, 2010).

Compreendendo a construção de um processo que é alicerçado pelo ato amoroso, Cardella (1994) vem ressaltar a importância do mesmo, compreendendo que é como um modo de ser, caracterizado pela integração e diferenciação de um indivíduo, permitindo aceitar e encontrar o outro como único. É primordial pensar que a partir do contato com o amor é que se consegue adentrar nas raízes do sofrimento (o desamor), sendo fonte de tantas dificuldades psicológicas dos sujeitos. O terapeuta pode favorecer o desenvolvimento do potencial amor do cliente, criando condições para que o mesmo possa ouvir, ver, compreender, aceitar e amar a si mesmo. Ele também é capaz de se auto-sustentar na relação com o cliente, entendendo que o amor não impossibilita a existência de regras e limites dentro da relação.

Similarmente, Zinker (2007), afirma que esse amor não é exigente e nem manipulador, que apenas possa deixar o outro ser o que ele é buscando não violar sua condição humana. O amor é como um processo de tensão criativa, que envolve uma energia de intenso prazer, fazendo parte de uma reação interna da pessoa ao ser amada. Diante disso, o terapeuta torna-se altruísta, promovendo segurança ao seu cliente. “É como se disséssemos: como sei que você me aceita totalmente, posso expor meu lado mais suave, receptivo, delicado, bonito e vulnerável” (ZINKER, 2007, p. 11).

Em concordância, Luczinski e Ancona-Lopez (2010) salientam que o psicoterapeuta precisa buscar compreender a dinâmica existencial da pessoa através da relação. O psicólogo pode ajudar o seu cliente a alcançar um nível de singularização partindo do encontro dos dois. Nessa perspectiva, uma escuta qualificada, cuidadosa e crítica abre espaço para um encontro verdadeiro. “A partir da companhia verdadeira do terapeuta, a pessoa pode se arriscar a mergulhar no seu próprio processo, pois não está

sozinha. Suas experiências serão acolhidas e acompanhadas” (LUCZINSKI; ANCONA-LOPEZ, 2010, p. 76).

Já para Juliano (1999), na psicoterapia o ato amoroso surge em pequenos detalhes, como a forma em que o terapeuta enxerga a história do cliente, ou seja, o olhar diferenciado e a própria condição de diversidade possibilita ao cliente uma nova percepção. “O simples olhar de uma pessoa ver o mesmo acontecimento a partir de outro ângulo já provoca movimento, e movimento é saúde” (JULIANO, 1999, p. 11).

Entendendo essas relações como primordiais para o processo, Polster e Polster (2001) ressaltam que nessa perspectiva do manejo clínico, o terapeuta é o seu próprio instrumento, onde ele pode usar da sua experiência para fazer parte do desenvolvimento, sendo sincero e consciente de si, fazendo com o que o cliente possa se sentir à vontade para se expressar, uma vez que o terapeuta estará lá para segurar sua mão caso seja necessário. Refletindo sobre isso, é importante que o terapeuta possa trabalhar livremente, porém tendo todos os limites necessários que cada cliente precise, apresentando então atitudes conscientes e responsáveis.

Nessa perspectiva, Juliano (1999) resalta que o terapeuta consciente e responsável consegue dar de conta que o foco do processo é entrar em contato com a experiência podendo focalizar, modificar o foco, alterar o contexto e também transformar as diversas formas de percepção. Pois, “Não temos o poder de mudar os fatos da vida, o ponto de partida da psicoterapia consiste na possibilidade de olhar a própria vida por outro ângulo, a partir de uma perspectiva diferente, reconstruindo uma outra história” (JULIANO, 1999, p. 47).

Diante disso, o autor resalta a tarefa principal do terapeuta em sua relação com o cliente:

A tarefa do terapeuta é acolher o cliente, com tudo que este traz de tenebroso ou sublime, deixando-o depositar no chão sua bagagem, que se tornou pesada de tanto ser carregada às costas. À medida que desenvolvem o calor da intimidade e a confiança, o viajante recém-chegado se dispõe a abrir seus pacotes, mostrando então seus conteúdos e compartilhando histórias de viagem, dos lugares longínquos de onde foram trazidos os objetos que hoje, malgrado o peso a ser carregado, constituem a sua atual riqueza e patrimônio (JULIANO, 1999, p. 21).

Perante a isso, Ginger e Ginger (1995) trazem que o gestalt-terapeuta e o cliente são parceiros que estão envolvidos em uma relação autêntica. O papel do terapeuta nessa relação aponta como sendo de acompanhar o cliente, favorecendo e permitindo

suas ações, porém, conservando sempre sua alteridade. Dentro desse encontro, as intervenções do terapeuta aparecem como formas de ampliar a percepção do cliente sobre si próprio e de suas relações, constituindo em um trabalho de reelaboração do funcionamento perceptivo individual do sujeito.

Alicerçados nessa relação e no encontro real entre psicoterapeuta e cliente, o processo da psicoterapia é um espaço onde a tomada de consciência é poder assumir responsabilidades de ser o que é, percebendo o poder que o cliente pode ter sobre si e sobre suas escolhas (FIORAVANTE, 2016).

Joyce e Sills (2016) enfatizam a importância do relacionamento terapêutico como um meio essencial que possibilita a mudança, e que alicerçados no processo dialógico, tanto o cliente quanto o Gestalt-terapeuta são sensibilizados e mudados com esse encontro. Diante disso, essa relação se constrói a partir do fornecimento do terapeuta de um ambiente seguro, onde se possa estabelecer também uma boa aliança de trabalho partindo de um diálogo genuíno e ético, que promove uma análise colaborativa a partir dessa relação dialógica, oferecendo confrontação, presença, disposição e inclusão do terapeuta para uma comunicação aberta.

No livro “A clínica, a relação psicoterapêutica e o manejo em Gestalt-terapia”, Cardella (2015) ressalta:

Na clínica gestáltica, é importante que a relação terapêutica se configure em morada, que haja hospitalidade para que o paciente alcance abertura e sustentação na instabilidade e na precariedade da condição humana, e restaure ou inaugure a condição de peregrino e caminhante, engajado na incessante obra de ser si mesmo, cocriando o mundo e o próprio destino (CARDELLA in FRAZÃO; FUKUMITSU, 2015, p. 56).

Analisando essa relação terapêutica como suporte, Joyce e Sills (2016) ratificam que quando o Gestalt-terapeuta oferece um relacionamento dialógico ele está auxiliando o cliente a se concentrar na experiência presente. Essa abordagem proativa é praticada sob a aceitação das responsabilidades e sugestões de que o cliente possa proferir como se sente. Nessa perspectiva, as práticas de apoio são essenciais para que o cliente possa se perceber na sua experiência, construindo métodos que possam encorajar a consciência de si, gerando ações mais saudáveis.

Perante a isso, é de extrema importância apresentar recursos que possam fortalecer o cliente a enfrentar suas questões de forma mais consciente. O terapeuta pode incitar a esperança, promovendo um espaço de reflexões e construções sobre o

futuro. Também se pode aumentar o apoio relacional, favorecendo a capacidade do cliente de estabelecer uma conexão com relações fora do *setting*. Similarmente o terapeuta pode auxiliar no desenvolvimento do auto aprendizado e da autocompaixão, acreditando que esses pontos são centrais na diminuição da resistência e podem reduzir os diversos efeitos negativos. Por fim, torna-se possível reorientar experiências positivas, ou seja, é de extrema importância priorizar sensações que possam gerar bem estar que podem auxiliar ao sujeito a se perceber como capaz de criar novas perspectivas frente às adversidades (JOICE; SILLS, 2016).

Portanto, a relação terapêutica é indispensável para o desenvolvimento do cliente, visto que partindo dela o consulente pode adquirir suporte para lidar com suas questões, sendo essa relação o ponto que vai construir esse suporte e também auxiliar na percepção das suas repetições para que se possam ser trabalhadas compreendendo sua importância no processo. Pensando nesses pontos, o investimento na relação terapêutica promove a exploração das questões do cliente, tendo como objetivo auxiliá-lo a se tornar consciente de sua própria experiência. Esse encontro no processo gera uma forma de mudança essencial, que tem como base um relacionamento seguro e estabelecimento de alianças que permeiam uma relação dialógica. Essas indagações aparecem como requisitos para um processo relacional ético, responsável e disponível para fornecimento de suporte ao cliente, promovendo crescimento e autonomia (JOICE; SILLS, 2014).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante das considerações dos autores, salienta-se a importância de um processo psicoterapêutico alicerçado no compromisso ético e humano, entendendo esse sujeito humano alicerçado dos seus valores morais, sociais que o tornam único. E que ao partir do encontro genuíno entre Gestalt-terapeuta e cliente podem-se ter potenciais criativos do sujeito perante a sua experiência. A abordagem da Gestalt-terapia fortalece o compromisso de entender que o processo da psicoterapia é prioritariamente a relação, obtendo a partir de um olhar humanizado a melhor forma de compreender o sujeito e sua história.

Diante disso, o Gestalt-terapeuta deverá promover espaços para que o cliente possa ser reconhecido e aceito. Podendo o terapeuta usar dos seus recursos humanos para promoção de um diálogo acolhedor, cuidador e ético, com o objetivo de

acompanhar o consulente em suas trajetórias, sua relação consigo e com os outros, sem deixar de lado sua teoria e seu compromisso com a Psicologia e a prática responsável.

Enfatiza-se a importância dos estudos e produções cada vez mais atuais acerca desse tema, pois, este promove uma ampliação do debate sobre as diversas formas de encontro na relação psicoterapêutica e os efeitos disso no processo do/da consulente, uma vez que contempla ampliação de awareness e ajustamentos criativos a partir dessa relação de confiança. Afinal, é um encontro e somos corpos disponíveis para ouvir e experienciar, estando presentes para permitir o surgimento de afetos e criações. Perante a isso, é preciso promover uma reflexão do lugar do terapeuta e pensar em como essa relação dual precisa se reinventar partindo dos encontros humanos. Nesses encontros de experiências, o terapeuta precisa estar ciente das mudanças que acontecem por conta das causas sociais, econômicas e políticas que formam os diversos âmbitos da Psicologia clínica e a Gestalt-terapia.

Portanto, fortalecer a prática alicerçada em um encontro verdadeiramente humano e autêntico é um dos grandes compromissos da Psicologia como um todo e dentro desse campo, a visão da teoria da Gestalt-terapia têm promovido espaços para construção de psicólogos sempre a frente de um serviço ético e responsável, promovendo equidade todos os sujeitos.

REFERÊNCIAS

BELMINO, M. C. B. **Fritz Perls e Paul Goodman: duas faces da Gestalt Terapia**. Fortaleza: Premium, 2014.

CARDELLA, B.H.P. Relação, atitude e dimensão ética do encontro terapêutico na clínica gestáltica. In: FRAZÃO, L.M.; FUKUMITSU, K.O.(Org.). **A clínica, a relação psicoterapêutica e o manejo em gestalt-terapia**. São Paulo: Summus, 2015. p. 43-64.

CARDELLA, B. H. P. **O amor na relação terapêutica: uma visão gestáltica**. São Paulo: Summus, 1994.

CHAGAS, E. Psicoterapia Dialógica. In: FRAZÃO, L.M.; FUKUMITSU, K.O.(Org.). **Modalidades de intervenção clínica em Gestalt-terapia**. São Paulo: Summus, 2016. p. 19-20.

FIORAVANTE, N. F. **Relação Terapêutica: Uma reflexão sobre a atitude amorosa em Gestalt-terapia**. Tese (Mestrado em Psicologia) - Instituto Carioca de Gestalt-Terapia - Cursos Online de Gestalt-Terapia no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, p. 11-37. 2016. Disponível em:

https://icgt.com.br/documentos/monografias/monografia_natalia_ferreira_fioravante_icgt.pdf. Acesso em 28 set. 2020.

FRAZÃO, L.M.; FUKUMITSU, K.O. **A clínica, a relação terapêutica e o manejo em Gestalt-terapia**. São Paulo: Summus, 2015.

FREITAS, J. R. C. B. A relação terapeuta-cliente na abordagem gestáltica. **IGT na Rede**, v. 13, n. 24, p. 85-104, 2016. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S180725262016000100006&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 07 abr. 2020.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002. Disponível em http://www.uece.br/nucleodelinguasitaperi/dmdocuments/gil_como_elaborar_projeto_de_pesquisa.pdf. Acesso em 07 abr. 2020.

GINGER, S.; GINGER, A. **Gestalt: uma terapia do contato**. 4 ed. São Paulo: Summus, 1995.

HYCNER, R. **De pessoa a pessoa: psicoterapia dialógica**. 3ed. São Paulo: Summus, 1995.

HYCNER, R.; JACOBS, L. **Relação e Cura em Gestalt-terapia**. São Paulo: Summus, 1997.

JOYCE, P; SILLS, C. **Técnicas em Gestalt: aconselhamento e psicoterapia**. Rio de Janeiro: Vozes, 2016.

JULIANO, J. C. **A arte de restaurar histórias**. São Paulo: Summus, 1999.

LUCZINSKI, G. F.; ANCONA-LOPEZ, M. A psicologia fenomenológica e a filosofia de Buber: o encontro na clínica. **Estudos de Psicologia (Campinas)**, v. 27, n. 1, p. 75-82, 2010. Disponível em <https://www.scielo.br/pdf/estpsi/v27n1/v27n1a09.pdf>. Acesso em 07. abr. 2020.

MENDONÇA, M.M. A psicologia humanista e a abordagem gestáltica. In: FRAZÃO, L.M.; FUKUMITSU, K.O. **Gestalt-terapia: fundamentos epistemológicos e influências filosóficas**. São Paulo: Summus, 2013.

MÜLLER-GRANZOTTO, M. J; MÜLLER-GRANZOTTO, R. L. **Clínicas gestálticas: o sentido ético, político e antropológico da teoria do self**. São Paulo: Summus, 2012.

PERLS, F. S. **Abordagem Gestáltica e testemunha ocular da terapia**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.

POLSTER, E.; POLSTER, M. **Gestalt-terapia integrada**; tradução de Sonia Augusto. São Paulo: Summus, 2001.

RIBEIRO, J. P. **Gestalt-terapia**: Refazendo um caminho. 8 ed. São Paulo: Summus, 2012.

RIBEIRO, J. P. **Vade-mécum de Gestalt-terapia**: Conceitos básicos. São Paulo: Summus, 2006.

VOGEL, A. R. **O papel do terapeuta na relação terapêutica na Gestalt-terapia e na Terapia de Família Sistêmica Construcionista Social**. Revista IGT na Rede, Vol.09, Nº 16, 2012, Belo Horizonte. Disponível em: <
<https://www.igt.psc.br/revistas/seer/ojs/viewarticle.php?id=374>>. Acesso em 29 set. 2020

VON ZUBEN, N. A. A questão do inter-humano uma releitura de Eu e Tu de Martin Buber. **Síntese: Revista de Filosofia**. Belo Horizonte, v. 35, n. 111, p. 87-110, 2010.

YONTEF, G.M. **Processo, Diálogo e Awareness**. São Paulo: Summus, 1998.

ZINKER, J. **Processo Criativo em Gestalt-terapia**. São Paulo: Summus, 2007.